



MINISTÉRIO DA
CULTURA



FUNДАРPE
FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE
PERNAMBUCO

Secretaria
de Cultura



Fundação
Joaquim
Nabuco 

UPE
UNIVERSIDADE
DE PERNAMBUCO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
MINISTÉRIO DA CULTURA
SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DE PERNAMBUCO
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
CURSO DE FORMAÇÃO DE GESTORES CULTURAIS DOS ESTADOS DO
NORDESTE**

MARIA ROSA MAIA

**CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA EXPOGRAFIA DO MUSEU:
AMBIENTE DA EXPOSIÇÃO E RECEPTIVIDADE DO PÚBLICO NO
MUSEU CAIS DO SERTÃO**

Recife
2017

MARIA ROSA MAIA

**CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA EXPOGRAFIA DO MUSEU:
AMBIENTE DA EXPOSIÇÃO E RECEPTIVIDADE DO PÚBLICO NO
MUSEU CAIS DO SERTÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Formação de Gestores Culturais dos Estados do Nordeste, promovido pelo Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia, em parceria com o Ministério da Cultura, a Fundação Joaquim Nabuco, a Universidade de Pernambuco e a Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco, como requisito para obtenção do Certificado do Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Cultural.

Orientador: Prof. Sérgio Coelho Borges Faria

Recife
2017

MARIA ROSA MAIA

**CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA EXPOGRAFIA DO MUSEU:
AMBIENTE DA EXPOSIÇÃO E RECEPTIVIDADE DO PÚBLICO NO
MUSEU CAIS DO SERTÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Certificado do Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Cultural.

Aprovado em 17 de março de 2017.

Dedico esta monografia a José Mairon Maia, meu pai, sertanejo de Santana do Cariri.

AGRADECIMENTOS

Este artigo é o produto da minha pesquisa de conclusão do Curso de Aperfeiçoamento de Gestores Culturais para o desenvolvimento do Sistema Nacional de Cultura em municípios dos estados do Nordeste, fruto da minha vontade de voltar a estudar, depois de mais de 20 anos afastada das salas de aula. A vontade de aprender está em todo ser humano e ela deve ser estimulada desde a infância. Às vezes ela fica um pouco adormecida, por motivos diversos, mas ela está sempre lá, aguardando o momento da volta.

Quero agradecer primeiramente à oportunidade de participar desde o início do projeto da exposição de longa duração do Cais do Sertão. Estou trabalhando nesse projeto desde de 2013, quando a Produtora Base 7 Projetos Culturais foi selecionada por meio de um Edital para fazer a produção executiva da instalação do Museu. Enviei o meu currículo e fiz uma entrevista com Maria Eugênia Saturni (diretora da Base 7) e Raul Cavalcanti (produtor executivo do projeto), fui selecionada para o cargo de produtora executiva no Recife, pois esse era um projeto que, apesar de ser realizado em Pernambuco, envolveu profissionais de todo o país. Lembro muito que, no dia da entrevista, Maria Eugênia me fez uma pergunta que ficou na minha memória: se eu não tinha nenhum receio ou medo de trabalhar em um projeto tão complexo e grande como aquele. Eu respondi que não; que uma das coisas que mais me estimulava em um trabalho eram os desafios que eu iria enfrentar. Realmente foi um trabalho desafiador – e está sendo até hoje.

Quero agradecer às pessoas incríveis que conheci naquele momento e que, com as suas experiências e conhecimentos, me ensinaram muito, tais como Isa Grinspum Ferraz, Helena Tassara, Marcelo Macca, Marcelo Ferraz, Raul Cavalcanti, Gilberto Freyre Neto, Verônica Ribeiro, Conceição Vanderley, Regina Batista, entre outros.

Depois que o Cais foi inaugurado, em 2014, continuei a trabalhar, fazendo parte da sua equipe de gestão. Fui convidada a ser Supervisora da Programação de Conteúdo, integrando a equipe de Conteúdo. Sou grata por ter conhecido o Prof. Mário Ribeiro, que foi meu Coordenador de Conteúdo do Cais do Sertão, até agosto de 2015. Nessa fase aprendi muito, e ele foi uma das pessoas que mais me estimularam a voltar a estudar.

Quero agradecer à minha família, principalmente ao meu amigo e marido, Fred Jordão, pelas reflexões nas noites de sexta-feira, e aos meus filhos adolescentes, Helena e Chico – espero que o desejo do conhecimento por coisas novas esteja sempre presente na vida deles.

Não posso deixar de agradecer também à minha equipe do Museu Cais do Sertão, que, na minha ausência, conduziu com tanta competência as nossas atividades diárias.

Além, é claro, aos meus pais que sempre estiveram presentes na minha vida, me ensinando que os nossos sonhos são possíveis se, é claro, fizermos o esforço necessário para realizá-los.

“O sertão não é só uma reserva de coisas antigas, onde a gente vai se abastecer, ou preservar, ou resgatar coisas que estão morrendo, ou que estão em vias de desaparecer. Mas, ao contrário, essas pessoas não estão paradas no tempo, né? Se você vê a cantoria nordestina, que está muito viva em muitos lugares, com uma quantidade enorme de poetas, quais são os temas mais tratados por essas cantorias? É a ciência, a genética, as guerras. Todo esse tipo de coisa. Não é que nós somos modernos e podemos utilizar aquele tipo de informação para complexificar nossa modernidade, mas aquilo já é moderno, já é complexo.

O sertão é estar no infinito, é pensar no infinito, é aceitar o desafio do infinito.

Essa ideia de sertão serve como uma alerta e um contraveneno para essa tribalização pequenininha do mundo contemporâneo.

Essa ideia do sertão de não ter fronteira é uma maneira de aproveitar o mundo e não ficar na sua rua.”

(Hermano Vianna)

MAIA, Maria Rosa. **Construção identitária na expografia do Museu**: ambiente da exposição e receptividade do público no Museu Cais do Sertão. p. il. 2017. Monografia (Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Cultural) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

RESUMO

Este projeto tem como tema a construção identitária promovida pelo Museu Cais do Sertão. A pesquisa tem como objetivo geral apresentar o Museu como uma instituição de memória que promove a constituição da identidade cultural da região Nordeste. A metodologia adotada contempla a pesquisa bibliográfica e exploratória. O campo de análise e reflexão foi a expografia do espaço museal e as representações do público sobre o sertão, antes e depois da visita.

Palavras-chave: Cais do Sertão. Museu. Identidade. Sertão. Nordeste.

ABSTRACT

This project has as its theme the identity construction promoted by the Cais do Sertão Museum. The general objective of the research is to present the Museum as an institution of memory that promotes the constitution of the cultural identity of the Northeast region. The adopted methodology contemplates the bibliographic and exploratory research. The field of analysis and reflection was the expography of the museum space and the representations of the public about the sertão, before and after the visit.

Keywords: Cais do Sertão. Museum. Identity. Sertão. Northeast.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 01 – Helder Tavares – Praça do Juazeiro (entrada do Cais do Sertão)	15
Foto 02 – Fred Jordão – exposição “O Mundo do Sertão”	23
Foto 03 – Fred Jordão – Vitrine Jóias da Coroa – réplicas das vestimentas de Luiz Gonzaga	24
Foto 04 – Helder Tavares – Sala Sertão mundo – filme “Um dia no sertão “ de Marcelo Gomes	25
Foto 05 – Fred Jordão – Território Ocupar.....	26
Foto 06 – Fred Jordão – Território Viver	27
Foto 07 – Fred Jordão – Território Crer	28
Foto 08 – Fred Jordão – Vitrine Criar	29
Foto 09 – Fred Jordão – Território Migar.....	30
Foto 10 – Maria Rosa Maia – Sala Caixa de Poesia – filme <i>Lua</i> – Paulo Caldas	31
Foto 11 – Helder Tavares – Instalação Pétalas.....	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PROVOCAÇÕES PARA SE CRIAR O CAIS DO SERTÃO	11
2.1 A TRAJETÓRIA	11
2.2 TERRITÓRIO	15
2.3 FUNÇÃO SOCIAL	16
3 CONCEITOS	17
3.1 O QUE É MUSEU?	17
3.2 IDENTIDADE	19
3.3 SERTÃO	21
4 EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO “O MUNDO DO SERTÃO”	23
4.1 JOIAS DA COROA – VITRINE	24
4.2 SERTÃO MUNDO	24
4.3 OCUPAR	25
4.4 VIVER	26
4.5 TRABALHAR	27
4.6 CRER	27
4.7 CRIAR	28
4.8 MIGRAR	29
4.9 CANTAR	30
4.10 CAIXA DE POESIA	31
4.10.1 Lua (Paulo Caldas, 17 min)	31
4.10.2 KORDEL (Lírio Ferreira, 13 min)	31
4.10.3 Línguas do sertão (José Miguel Wisnik, Leandro Lima e Gisela Motta, 18:24 min)	32
5 O PÚBLICO E SUA EXPERIÊNCIA	33
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

“Os museus são espaços que suscitam sonhos.”
Walter Benjamin

Em 2014, foi inaugurado no antigo cais do Porto do Recife um dos mais tecnológicos museus do Brasil, o Cais do Sertão. Participei da equipe de montagem da exposição de longa duração e foi a partir daquele momento que comecei a querer fazer uma pesquisa sobre o museu. Observando a equipe do educativo a fazer o atendimento ao público, comecei a perceber as várias leituras que os visitantes tinham sobre o sertão. A pergunta era: Quando você pensa em sertão, o que vem a sua mente? Foi nesse momento que decidi o tema da minha pesquisa.

Assim, a pesquisa propõe a análise do seguinte problema: Para o público visitante do Museu Cais do Sertão, o conteúdo expográfico alterou de alguma forma a percepção sobre a imagem do sertão nordestino?

O objetivo geral é apresentar o Museu Cais do Sertão como instrumento de memória que constitui a identidade cultural da região nordeste.

A pesquisa tem como objetivos específicos apresentar a concepção inicial e a trajetória do Museu Cais do Sertão, conceituar museu, identidade e sertão, descrever a sua expografia e analisar o resultado das entrevistas realizadas com o público visitante.

Para atingir o propósito do trabalho, a abordagem desta pesquisa é de natureza qualitativa e as metodologias utilizadas para a pesquisa são exploratória e bibliográfica. Nesse sentido, dialoga-se com teóricos especialistas em museologia, identidade e sertão, tais como POULOT (2002), HALL (2005), ALBUQUERQUE JÚNIOR (2007), dentre outros.

O conteúdo de que se compõe este estudo foi estruturado em quatro partes: a primeira descreve a trajetória para a construção da identidade do Museu Cais do Sertão, a segunda parte conceitua museu, identidade e sertão, a terceira parte apresenta a expografia do museu como espaço de memória e cultura e a quarta parte descreve a análise das entrevistas realizadas com o público através da experiência da visita no museu. Por último, realizaremos as considerações finais.

2 PROVOCAÇÕES PARA SE CRIAR O CAIS DO SERTÃO

Para apresentar o Cais do Sertão, faz-se necessário conhecer a sua trajetória, desde a ideia inicial, a partir do seu conceito fundador, elaborado pelo antropólogo Antônio Risério, até a equipe de especialistas e realizadores que trabalharam intensamente para dar corpo a esse novo espaço de convivência e reflexão. A curadoria, a direção de criação, a equipe de consultores especialistas, roteiristas e artistas de diversas áreas de expressão foram convidados para desenvolver essa ideia original e transformá-la em um equipamento museográfico apresentando a multiplicidade da cultura sertaneja para todos os públicos possíveis.

2.1 A TRAJETÓRIA

A ideia inicial para o projeto do museu foi do ex-presidente Lula da Silva, que ficou fascinado com o Museu da Língua Portuguesa e desejava fazer um museu em homenagem a Luiz Gonzaga, pois queria deixar uma marca cultural do seu governo. Foi assim que Juca Ferreira, que era Ministro da Cultura na época, convidou a curadora Isa Grinspum, pois ela tinha concebido o Museu da Língua Portuguesa. Juntamente com ela, foi contratada a empresa Brasil Arquitetura para realizar o projeto arquitetônico e expográfico. No final de 2010, houve uma festa de final de ano em Recife, onde foi apresentada a maquete do museu ao presidente Lula, com proposta de inauguração para o dia 13 de dezembro de 2012, ano do centenário de Luiz Gonzaga. Mas, em 2010, o ex-presidente Lula deixou o governo e o projeto parou até 2013. Entretanto, durante esse intervalo, foi realizada toda a pesquisa de conteúdo e o antropólogo Antônio Risério foi convidado para escrever o texto fundador. Já se sabia que o Museu seria sobre a vida e a obra de Luiz Gonzaga e teria que ter os modernos recursos tecnológicos que tinham encantado Lula no Museu de São Paulo.

A ideia de fazer museus democráticos e que todas as pessoas possam se divertir, aprender, se emocionar, sejam elas analfabeta, pós-doc, estrangeiros... isso é um pré-requisito, museu democrático que acolha, outro pré-requisito é um espaço de convivência entre pessoas iguais e diferentes, eu acho isso fundamental. A gente acredita em espaços transparentes, espaços grandes em que as pessoas se vejam, e que tenham uma narrativa que tenha solidez, sempre a partir de conteúdos do estado da arte. E o que tem de mais novo e de mais consistente – não é o novo contrário ao antigo, porque a gente aprendeu em Gilberto Freyre e Euclides da Cunha que é o velho que é novo, é essa leitura de tentar botar várias perspectivas em diálogo num espaço (GRINSPUM, 2016).

Outro requisito utilizado sempre no trabalho de Grinspum é relacionar pares opostos, como fato e mito, antigo e moderno, popular e erudito, sem uma hierarquia de que o popular é menor que o erudito. Ela coloca em um mesmo espaço coisas que aparentemente não convergem, mas que se combinam e criam novas sínteses.

Para a curadora Isa Grinspum, que, além de pernambucana, é uma admiradora da obra de Gonzaga, a questão central seria *por que celebrar Luiz Gonzaga e não cantar o sertão pela voz de Luiz Gonzaga?* Para ela, Gonzaga seria o eixo da narrativa, mas era preciso mostrar os diversos temas que ele cantou e o contexto de onde ele veio.

O texto de Antônio Risério foi a base para a estrutura de conteúdo da exposição do museu. A obra de Luiz Gonzaga é o fio condutor para narrar a trajetória do cotidiano do sertanejo, apresentada a partir de uma conjunção entre a cultura tradicional e recursos tecnológicos. Para tanto, há um intenso diálogo com a arquitetura projetada, em duas edificações, por sua proposta inovadora, para uma nova paisagem arquitetônica.

O conceito fundador do Cais do Sertão, produzido pelo antropólogo Antônio Risério e registrado no documento *Provocações para um fazer* (Anexo A), afirma que o novo espaço pretende ser uma intervenção crítico-criativa no tecido e no movimento real da vida cultural brasileira. Para isso, deve-se considerar qual Brasil se vai mostrar e ver e com qual Brasil se vai conectar, interagindo lúdica e conceitualmente com seus significados mais profundos e suas formas mais expressivas. Deve-se considerar ainda qual recado ou mensagem local e universal esse Brasil tem a dar. Para isso a dimensão central do Cais do Sertão tem estar pautada, obviamente, no grande centro-acervo de todas as coisas produzidas pelo Rei do Baião ou em função dele: peças musicais, fotos, filmes, livros, reportagens na imprensa, apresentações de rádio e televisão, discos, cartas, etc. Esse repertório deve ser contextualizado em, pelo menos, três planos: 1) No campo da trajetória do próprio Gonzaga; 2) Nas conjunturas da música e da cultura brasileira; 3) Na dimensão da vida do país.¹

Mas como tratar essas informações? Sabemos que um acervo só deixa de ser um simples acervo quando ganha uma estrutura e um sentido. E esse acervo, estruturado e semantizado, só ganha uma *presença pública* quando essa estrutura e esse sentido se materializam em equipamentos e instrumentos de uso e fruição coletivos.²

Por isso, a construção do Cais do Sertão deve se assentar num tripé e se expressar por uma escolha, uma definição tecnológica extraída na vida e na obra do personagem pensadas e

1 RISÉRIO, Antonio. *Texto-base: Provocações para um fazer*, p. 04.

2 Idem.

articuladas por meio de três momentos: 1) Luiz Gonzaga: o meio cultural; 2) Luiz Gonzaga: a intervenção cultural; 3) Luiz Gonzaga: o legado cultural.³

O Cais do Sertão foi então concebido e construído então em termos arquitetônicos, museográficos e tecnológicos em função da própria obra do homenageado. Não em sentido largo e frouxo, mais em sentido preciso. Luiz Gonzaga nasce do solo rico e generoso da cultura popular tradicional do nordeste brasileiro; do “Brasil Sertanejo”, para lembrar a classificação de Darcy Ribeiro. Mas encarna essa cultura como a encarnação do novo. Vale dizer, Gonzaga não se presentifica, no Brasil, como exótico ou folclórico. Ele não apenas retrata uma tradição. Ele a *reinventa*. Recria a cultura nordestina para inserir suas formas e conteúdos na sociedade urbano-industrial que então se configurava no país. E isso a partir de uma estratégia estética claramente definida: o baião.⁴

O Rei do Baião usou a tecnologia de ponta de sua época. Para homenageá-lo, vamos então acionar a nossa tecnologia de ponta. Nessa primeira definição, o Museu Cais do Sertão teve um caráter simultaneamente histórico-antropológico, estético e *high-tech*.⁵

Depois de descrever os conceitos e ideias que foram concebidos para o Cais do Sertão, vamos identificar a instituição nas suas definições operacionais, administrativas e territorial e também apresentar a sua função social.

O **Cais do Sertão** pretendeu constituir-se em um novo paradigma de espaço museológico cultural e educacional e, como tal, procurou ser centro de referência articulador de parcerias voltado para a promoção de um eixo cultural e educacional do litoral ao interior na Região Nordeste.⁶

O **Cais do Sertão** compreende um rico e complexo programa de uso. Focado em alcançar o grande público, as atividades desenvolvidas no local proporcionam ao visitante uma experiência única, de caráter intelectual e afetivo. O Cais do Sertão possui economia criativa em sua essência. A grande homenagem à cultura sertaneja e ao Rei do Baião, Luiz Gonzaga, permeará todos os espaços, combinando as manifestações do semiárido nordestino a tecnologias expositivas diferenciadas.⁷

O Cais do Sertão foi primeiramente uma iniciativa do Governo Federal, quando o ex-presidente Lula da Silva teve a ideia de construir um Museu em homenagem ao centenário de Luiz Gonzaga. Essa concepção começou a ser estruturada em 2010 e só inaugurada em abril de

3 Plano Museológico do Cais do Sertão I Versão Final – Junho 2014.

4 RISÉRIO, Antonio. *Texto-base: Provocações para um fazer*, p. 05.

5 Idem.

6 Plano Museológico do Cais do Sertão I Versão Final – Junho 2014.

7 Idem.

2014, pelo ex-governador Eduardo Campos, do Estado de Pernambuco, através da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, que concluiu o projeto.

Nessa mesma época, já estava sendo realizada a requalificação da área portuária do Recife, onde os antigos armazéns do Porto estavam sendo transformados em espaços de convívio para o público. Em 2013, já com a parte da construção arquitetônica pronta, iniciaram-se as instalações da exposição de longa duração, intitulada “O Mundo do Sertão”, que tem como intenção principal expandir os horizontes de possibilidades de interpretação desse sertão. O Cais do Sertão, desde a sua inauguração, é considerado um dos mais modernos equipamentos do Nordeste. Sua primeira gestão foi realizada por uma OS (Organização Social), o IDG (Instituto de Desenvolvimento de Gestão), e atualmente é a Fundação Gilberto Freyre que está responsável pela gestão do espaço.

Até abril de 2016, o Cais do Sertão era ligado à Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco; hoje está vinculado à Secretaria de Turismo de Pernambuco – EMPETUR.

Segundo o seu Plano Museológico, a sua gestão administrativa deve ser estabelecida por meio de um Contrato de Gestão e Parceria. Esse Contrato de Gestão possibilitará a execução e administração de serviços específicos e dos equipamentos públicos pela entidade qualificada como OS e que será declarada de interesse social e utilidade pública para todos os efeitos legais. No Contrato de Gestão e Parceria, que estabelece a parceria entre o Poder Público e a entidade qualificada como OS, devem ser estabelecidas as metas e as formas de incentivo e de controle de resultados a ser atingidos. De acordo com o Plano Museológico, a Organização Social que fará a gestão do Cais do Sertão "será responsável pela contratação de pessoal, administração do espaço e por sua gestão financeira".



Foto 01 – Helder Tavares – Praça do Juazeiro (entrada do Cais do Sertão)

2.2 TERRITÓRIO

O Cais do Sertão está localizado no Recife Antigo, próximo ao Marco Zero, ao Centro de Artesanato e ao Terminal Marítimo de Passageiros. O espaço possui 7.500 m de área construída, que está dividida em dois módulos. O Módulo 1 ocupa o Armazém 10 do antigo Porto do Recife, em área com 2 mil m², onde está instalada a exposição de longa duração; o Módulo 2 com área total de 5,5 mil m² contará com auditório, reserva técnica, salas para oficinas, restaurante, café e espaços de ambientação e convivência. O espaço foi criado como parte do projeto de integração do Porto Novo, direcionado à revitalização do centro antigo da cidade do Recife. Visa reconectar o porto com a cidade, criando uma relação física e visual entre a rua, o espaço urbano e a geografia do Recife, em especial na sua relação com o mar. Nesse contexto territorial, o Cais compõe um circuito de equipamentos integrados voltados para o fomento de lazer, cultura e turismo da região.

2.3 FUNÇÃO SOCIAL

O Cais tem como função social constituir-se em espaço articulador de uma multiplicidade de acervos atuando de forma colaborativa nos âmbitos museológicos, cultural e educacional e de influência regional, nacional e mundial. Para isso, foi importante estabelecer-se em um espaço público de referência na área cultural em atrativo turístico e ainda difundir, pesquisar, documentar, comunicar e valorizar conhecimentos acerca do universo, vida e obra de Luiz Gonzaga e do Sertão nordestino em suas múltiplas vertentes.

É também função do Museu promover o desenvolvimento humano, a inclusão social, o respeito à diversidade e o estímulo à cidadania participativa, inclusive portadores de deficiências, fomentar práticas museológicas inovadoras, promover a consolidação de um eixo cultural do litoral ao interior da Região Nordeste, além de fortalecer a cadeia produtiva da Economia Criativa e da Museologia.

3 CONCEITOS

Neste capítulo vamos conceituar primeiramente o museu. Em seguida, buscaremos no conceito de identidade as referências simbólicas do que se compreende por cultura sertaneja inserida no mundo globalizado. Depois vamos definir a categoria sertão de forma sistemática em sua perspectiva histórica, para depois demonstrar esse conceito na cultura brasileira e, por último, definir o que é representação.

3.1 O QUE É MUSEU?

De acordo com Duarte, “a conscientização de um sentido museológico estará inerente ao próprio ser humano na medida em que, desde tempos ancestrais, o homem pratica uma recolha de materiais diversos pelas mais diversas razões” (2007, p. 27-28). Assim, a ideia de musealidade, antes até da ideia de museu, mistura-se à ação humana de intervir na realidade (natural e humana), reconhecendo nela objetos e elementos a ser guardados, colecionados, exibidos, atribuindo significados a esses objetos. O termo “museu” vem do grego *mouseion*, também usado na época romana como *museum*, que designava o templo dedicado às Musas – as nove divindades filhas de Zeus, segundo a mitologia grega. À ação humana, simbólica, soma-se a constituição de uma instituição específica, um local físico, um conjunto de procedimentos.

O legado da Antiguidade Clássica e da época romana se expressa tanto pela instituição museu como pela ação do colecionismo, que é a ação humana de selecionar, entre os diversos “objetos” da realidade – tanto os produzidos pelo ser humano como aqueles existentes na natureza –, alguns para ser guardados, preservados e/ou exibidos, a partir de seu valor estético, histórico, político ou mesmo exótico, de raridade.

A partir do momento em que as coleções passaram a ser reservadas, alocadas em algum espaço específico é que se compreende a importância da criação de um museu. “O desenvolvimento da ideia de museu ocorre no princípio do segundo milênio antes de Cristo, em Larsa, na Mesopotâmia, onde cópias antigas de inscrições foram reproduzidas para uso educativo nas escolas daquele tempo” (LEWIS, 2004, p. 1).

Nesses primeiros conceitos, observamos como foi desenvolvida a instituição Museu no decorrer da sua historiografia e, em seguida, apresentamos como foi se definindo a instituição, a partir do século XXI.

Segundo o Conselho Nacional de Museus (ICOM, 2007), “ museu é uma instituição sem fins lucrativos, permanente, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberto ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe o patrimônio tangível e intangível da humanidade e seu ambiente para fins de educação, estudo e diversão”.

O que vem à mente ao se falar em museu no início da segunda década do século XXI?

A percepção da instituição resulta da justaposição de papéis, significados e modelos redesenhados ao fio do tempo, cristalizados nas definições, a exemplo da que segue, publicada no sítio do Instituto Brasileiro de Museus, em 2005:

O museu é uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e que apresenta as seguintes características:

I – O trabalho permanente com o patrimônio cultural, em suas diversas manifestações;

II – A presença de acervos e exposições colocados a serviço da sociedade com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade, a produção de conhecimentos e oportunidades de lazer;

III – A utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social;

IV – A vocação para a comunicação, a exposição, a documentação, a investigação, a interpretação e a preservação de bens culturais em suas diversas manifestações;

V – A democratização do acesso, uso e produção de bens culturais para a promoção da dignidade da pessoa humana;

VI – A constituição de espaços democráticos e diversificados de relação e mediação cultural, sejam eles físicos ou virtuais. Sendo assim, são considerados museus, independentemente de sua denominação, as instituições ou processos museológicos que apresentem as características acima indicadas e cumpram as funções museológicas.

A definição acima marca as formas institucionais possíveis para o museu, afirma sua natureza pública, situa o objeto de sua prática e suas finalidades, sinalizando a vocação para comunicar, expor, documentar, investigar e interpretar. Bastante abrangente, deve ser compreendida não só como o reflexo de um projeto político, mas como o resultado de um processo de disputa simbólica, na qual se enfrentam usos e expectativas sociais constituídos historicamente.⁸

Os museus se formaram na esfera pública, articulando práticas e discursos sobre elementos da cultura. Constituíram-se como espaços de construção de conhecimento; de ressignificação de objetos; de interação social; de exercício de autoridade simbólica, servindo à construção da memória, à afirmação identitária, à popularização da ciência, à educação estética e, na virada do século XX ao XXI, à inclusão social. Como camaleões, transformam-

8 Definições sobre Museu. Disponível em :<<http://www.museu.gov.br>>. Acesso em: 09 fev. 2012.

se, reinventam-se e redefinem, em permanente negociação, seu papel social. O museu, tal qual o concebemos hoje, é a combinação do humanismo da Renascença, das Luzes do século XVIII e da democracia do século XIX (Alexander *apud* Poulot , 2000: 25).

Os museus são espaços provocadores de sonhos, como romantizou Benjamin; eles são ambientes de devaneios e fantasias. Entrar em um espaço expositivo pode inserir o sujeito em outro mundo, abrindo possibilidades e desconstruindo paradigmas.

Georges Henri Rivière (1989) defendeu a ideia de que o museu pudesse ser um espelho onde a população se veja e se reconheça e onde ela também se exponha para conquistar a compreensão e o respeito de outras comunidades. Com isso, chama-nos a atenção para o fato de que o planejamento das ações museológicas deve atender a curtos, médios e longos prazos, associando a necessária visibilidade à ideia de que a memória é algo a ser trabalhado com continuidade.

3.2 IDENTIDADE

Segundo Stuart Hall, a identidade é um quadro de referências que dá aos indivíduos um suporte e uma estabilidade social. Como sujeitos pós-modernos que somos, na medida em que os sistemas de significação se multiplicaram nas últimas décadas (diferentes experiências de sociedade, nação, cultura – paralelos ao avanço das tecnologias e das novas formas de comunicação/relação pessoal), fomos “confrontados com uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas” (HALL, 2005).

Nesse complexo cenário globalizado e híbrido, o conjunto de elementos culturais que serve de referência para significar o que chamamos de identidade sertaneja (tradições orais, músicas, literatura, dentre tantos outros) não pode mais ser encontrado no que Hall define como “estado de pureza”. Essas culturas estariam então “traduzidas” na experiência cotidiana daqueles que ainda fazem uso de seus elementos, sem deixar de lado suas experiências mais ligadas à multiplicidade cultural da contemporaneidade (AZEVEDO, 2016).

Para se fazer entender o que é identidade sertaneja, Albuquerque Júnior (2007) nos propõe não pensar a ideia de cultura em torno do princípio de identidade, pois não existe cultura e, sim, manifestações culturais, “trajetórias culturais, fluxos culturais, relações culturais, redes culturais, conexões culturais, conflitos, lutas culturais. As classes ou grupos sociais

hegemônicos é que, muitas vezes, querem fazer de suas manifestações culturais, a cultura”⁹. O conceito de identidade é, portanto, uma referência simbólica de manifestação desses *topos* culturais, em que identidade é uma postura epistemológica, uma forma de demarcar seu(s) pertencimento(s) social(is) e modos de reinventar a tradição, partindo de determinado ponto de vista.

Assim, quando reinventamos uma tradição, estamos neste momento nos referindo à ideia de identidade local, cultura local. Como, por exemplo, quando falamos de “Cultura Nordestina /identidade do Nordeste”, permitimo-nos fazer deslocamentos de sentido e significados sobre os bens culturais ao nosso redor. Vivemos um movimento de desidentificação com a memória nacional e regional, segundo Pierre Nora, uma profunda sensação de perda e de estranhamento diante de uma tradição em que já não nos reconhecemos, que já não nos diz, que deixou de ser transmitida naturalmente e da qual não nos sentimos mais portadores.

Será que podemos garantir neste mundo contemporâneo, global, que algo é original? Temos como afirmar a existência de um território ‘puro’ de interferências múltiplas de outros espaços? Não temos esse domínio e nunca o teremos. Mas podemos concluir que as tradições sempre serão invenções feitas por grupos humanos em uma determinada época.¹⁰

Na introdução do livro *A Invenção do Nordeste*, Albuquerque Júnior nos narra imagens de TV que compõem uma estereotipização do homem sertanejo, associando-o ainda a imagens de ícones da nossa história, como Lampião, Antônio Conselheiro etc. Percebemos que os meios de comunicação, principalmente a televisão e as suas telenovelas, ainda persistem nessa arcaica visão, aprofundando ainda mais os discursos tradicionalistas, colocando os sertanejos num lugar de injustiçados, de vítimas de uma situação climática, de pedintes. O homem sertanejo de hoje está bem diferente dessa caricatura midiática. Muitos possuem antenas parabólicas, aboiam os bois com suas motocicletas e, neste momento, devem estar caçando é *Pokémon*, em vez de calango.

9 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Fragmentos do discurso cultural: por uma análise crítica das categorias e conceitos que embasam o discurso entre a cultura no Brasil. II Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. ENECULT. p. 4.

10 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Sertão: um museu a céu aberto*. Texto palestra apresentado no Museu Cais do Sertão. Recife, 2014.

3.3 SERTÃO

Para construir a categoria “sertão”, resolvi descrever o seu conceito a partir da tentativa de sistematização do tema em sua perspectiva histórica, para posteriormente conceituá-lo sob um olhar mais atual.

Nesse sentido, conforme afirma Janaína Amado (1995), “sertão” foi uma categoria construída primeiramente pelos colonizadores portugueses, ao longo do processo de colonização. Uma categoria carregada de sentidos negativos, que absorveu o significado original, conhecido dos lusitanos desde antes de sua chegada ao Brasil – *espaços vastos, desconhecidos, longínquos e pouco habitados*, acrescentando-lhe outros, porém específicos a uma situação histórica, particular e única: a da conquista e consolidação da colônia brasileira.

Nos primeiros anos da colônia, os colonizadores se concentraram no litoral, construindo aí os núcleos urbanos importantes. Assim, observa-se que, para se construir a categoria “sertão”, precisou-se também construir a categoria “litoral”, as quais são ao mesmo tempo opostas e complementares. Opostas, porque uma expressava o reverso da outra: litoral (ou “costa”, palavra mais usada no século XVI) referia-se não só à existência física da faixa de terra junto ao mar, mas também a um espaço conhecido, delimitado, colonizado ou em processo de colonização, habitado por outros povos (índios, negros), mas dominado pelos brancos, um espaço da cristandade, da cultura e da civilização (Freyre, 1977;1984); “sertão” designava não apenas os espaços interiores da Colônia, mas também aqueles “espaços desconhecidos, inacessíveis, isolados, perigosos, dominados pela natureza bruta, e habitados por bárbaros, hereges, infiéis, onde não havia chegado as benesses da religião, da civilização e da cultura”.¹¹

“Sertão” é uma das categorias mais recorrentes no pensamento social brasileiro, uma categoria de entendimento do Brasil, inicialmente na condição de colônia portuguesa e, após o século XIX, como nação.

Paralelamente, “sertão” tem estado presente em quase todas as áreas da cultura brasileira, nas artes como a pintura, o teatro, o cinema, a música, a literatura, entre outras. Talvez nenhuma outra categoria tenha ocupado tantos espaços e tenha sido construída por meios tão diversos. Talvez nenhuma esteja tão entranhada na história brasileira, tenha significados tão importantes e variados e se identifique tanto com a cultura brasileira.¹²

11 AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 8, n. 15, 1995.

12 Idem.

Dito isso, podemos recordar que os museus também se constituíram como espaços que buscam realizar nossos sonhos e desejos de atemporalidade. Assim, para a cultura brasileira, qual seria o lugar fora do tempo, de um espaço destinado a materializar as nossas utopias de eternidade, de imutabilidade diante do tempo? Não seria esse o caso do sertão? O sertão não tem para nós esse sentido, de ser um espaço vindo de outros tempos, um espaço alijado e apartado do tempo presente, do mundo contemporâneo?¹³

Sob o conceito de sertão, a cultura brasileira parece alojar seus sonhos e desejos de um espaço recuado e recusado em relação à temporalidade moderna, burguesa, cidadina, industrial. O conceito de sertão parece recobrir nossas utopias de um mundo outro, distinto e distante do presente em que vivemos.¹⁴

Segundo Poulot (2013), num museu se faz uma passagem para o passado, para outros tempos, ou para outros espaços à medida que nos envolve em sua trama, em sua teia de sentidos, que, por seu turno, necessariamente deve fazê-lo conectado com o tempo presente, pois esse é o seu tempo.

Se pensarmos assim (que os museus são atemporais), pela mesma lógica podemos apresentar o “sertão” como esse local fora do tempo.

Para Albuquerque Júnior (2014) o sertão é “um imenso museu a céu aberto”. Um museu de imagens, um espaço sem história, um espaço preso a um tempo cíclico, um espaço onde o tempo não parece passar. Assim, se o sertão em nossa cultura é um museu a céu aberto, se a chamada cultura sertaneja é vista como um museu de tudo, para quê existir um museu do sertão? Não seria preciso apenas visitar o sertão para estarmos diante do seu próprio museu? Para quê se criar um espaço fechado para desejarmos e sonharmos com um sertão heterotópico, um sertão infenso à corrosão do tempo, se ele existiria como espaço aberto a todos? Será que a criação de museus do sertão se deve ao fato de que finalmente estamos percebendo que o sertão não se museificou, que o sertão há muito tempo deixou de ser uma realidade parada no tempo?¹⁵

Pode ser o sertão outra coisa que não um conceito, que serviu e serve para recortar especialidades, para instituir recortes identitários, para fundar localizações e classificações?¹⁶

13 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Sertão: um museu a céu aberto*. Texto palestra apresentado no Museu Cais do Sertão. Recife, 2014. p. 03.

14 Idem.

15 Idem. p. 11.

16 Para uma abordagem do sertão como topos literário, ver: CURY, Maria Zilda Ferreira; AVILA, Myriam; RAVETTI, Graciela. *Topografias da cultura: representação, espaço e memória*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

4 EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO “O MUNDO DO SERTÃO”

O Museu Cais do Sertão, em sua exposição intitulada “O Mundo do Sertão”, propõe expandir os horizontes de possibilidade de interpretações desse sertão.

Assim o espaço museal está distribuído da seguinte forma:

No térreo, um “Rio São Francisco” corta todo o Museu, dividindo-o em sete territórios temáticos: Viver, Trabalhar, Ocupar, Cantar, Criar, Crer e Migrar. Cada ambiente desse remete aos principais aspectos do dia a dia do sertanejo, oferecendo ao visitante a oportunidade de se locomover pelo espaço e interagir com os artefatos expositivos. Nesses territórios, o visitante encontra projeções e instrumentos de trabalho, estações de pesquisa, réplicas de figurinos e instrumentos musicais de Luiz Gonzaga, jogos interativos e objetos arqueológicos.

No primeiro andar do edifício, os visitantes têm acesso a um espaço de experimentação da música nordestina, com karaokê, estúdio de gravação e oficina de instrumentos. O objetivo é vivenciar o sertão, reconhecendo o Nordeste e descobrindo essa cultura na identidade de cada um. Com 2 mil m², o módulo I apresenta sete espaços além de salas projeções e vitrines expositivas.

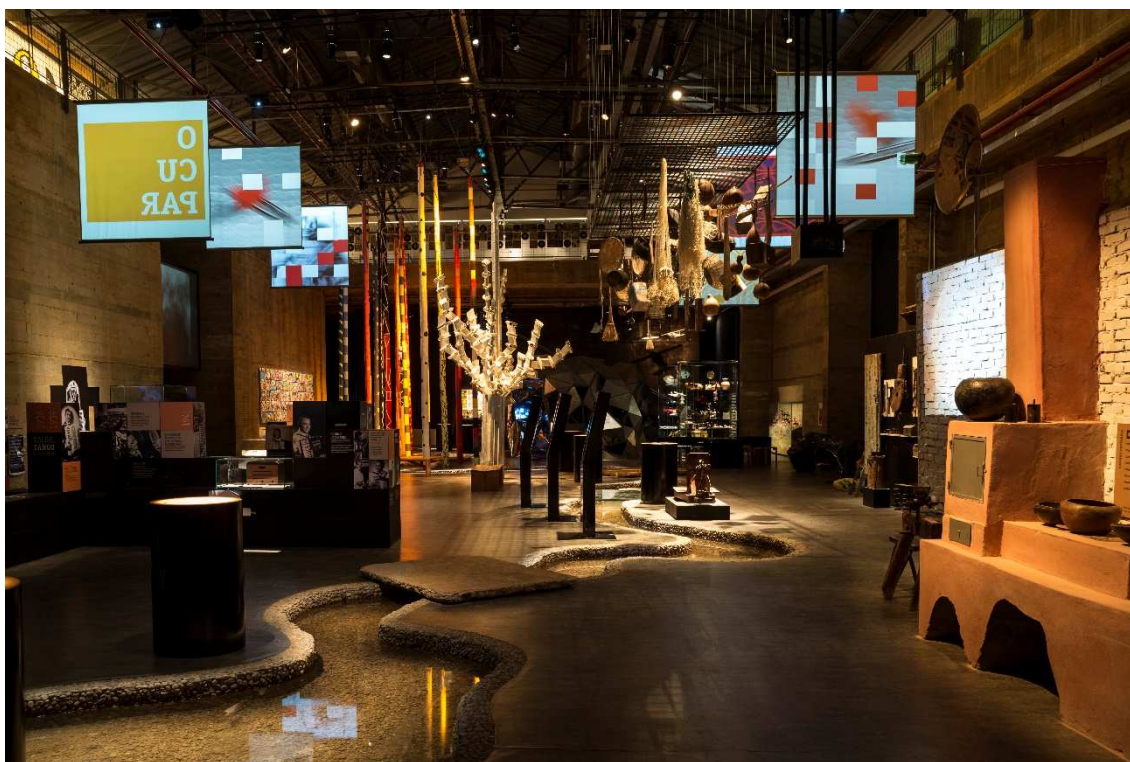


Foto 02 – Fred Jordão – exposição “O Mundo do Sertão”

4.1 JOIAS DA COROA – VITRINE

A grande parede-vitrine em vidro exhibe as mais belas sanfonas e os mais diversos trajes, chapéus e gibões de Luiz Gonzaga, todos expostos e iluminados dramaticamente. O conjunto emociona o visitante por sua beleza e variedade e permite que ele acompanhe a evolução estética dos aparatos do vestuário gonzaguiano.



Foto 03 – Fred Jordão – Vitrine Joias da Coroa – réplicas das vestimentas de Luiz Gonzaga

4.2 SERTÃO MUNDO

Espaço em forma de elipse onde os visitantes vivenciam uma experiência audiovisual, com cerca de 16 minutos de duração, que sintetiza e expressa poeticamente a paisagem física e cultural do Sertão em transformação. Combinação mágica e inusitada de sons e imagens vibrantes brinca por toda a área de projeção que é reproduzida em uma sala em que as imagens são projetadas por oito projetores, no formato de 220°. As instalações acústicas produzem um efeito *surround*. Para essa sala foi produzido um curta-metragem pelo cineasta pernambucano Marcelo Gomes chamado *Um dia no sertão*.

O filme revela o cotidiano dos habitantes do Sertão do Pajeú – uma região árida e inóspita e de uma luminosidade tão intensa que transforma o horizonte em miragem.

Sertanejos de várias gerações convivem na mesma paisagem. No sertão, modernidade e passado coabitam, construindo um futuro ainda a ser escrito.



Foto 04 – Helder Tavares – Sala Sertão mundo – filme *Um dia no sertão*, de Marcelo Gomes

4.3 OCUPAR

Composto por uma instalação com elevações que representam aspectos da geografia do Nordeste, onde são projetadas animações sobre o universo do sertão. Nesse território, o público encontrará exemplares de peças nas áreas de paleontologia, arqueologia, ecologia, uma representação da indumentária do vaqueiro, réplica do traje de Lampião e terminais multimídia com conteúdos interativos, que tratam dos diferentes temas sobre a ocupação do sertão.



Foto 05 – Fred Jordão – Território Ocupar

4.4 VIVER

Peculiaridades da vida no sertão revelam-se aos olhos de quem chega ao Cais e visita a Casa do Transtempo. Imagens que provocam os sentimentos de dentro a manifestarem-se cá fora de diferentes maneiras. Objetos de uso cotidiano que remetem a diferentes temporalidades e projeções que nos transportam para outras formas de morar no sertão, na atualidade, mexem com o imaginário daqueles que nunca visitaram a região e aguçam as lembranças de quem um dia lá viveu.



Foto 06 – Fred Jordão – Território Viver

4.5 TRABALHAR

Aproximadamente cinquenta instrumentos que remetem ao universo do trabalho do homem sertanejo encontram-se nesse território do museu. Instalações multimídia denominadas *Enciclopédia dos fazeres* permitem o visitante navegar em informações sobre os objetos expostos e ter acesso a vídeos demonstrando o uso desses instrumentos no cotidiano.

4.6 CRER

O universo sagrado do homem sertanejo se faz presente no Cais, nos espaços batizados como Bosque Santo e Túnel do Capeta. O simbólico, sem forma e tons definidos, possibilita que o público faça a sua própria interpretação de assuntos que mexem com o imaginário social e provocam diferentes interpretações para um mesmo tema.

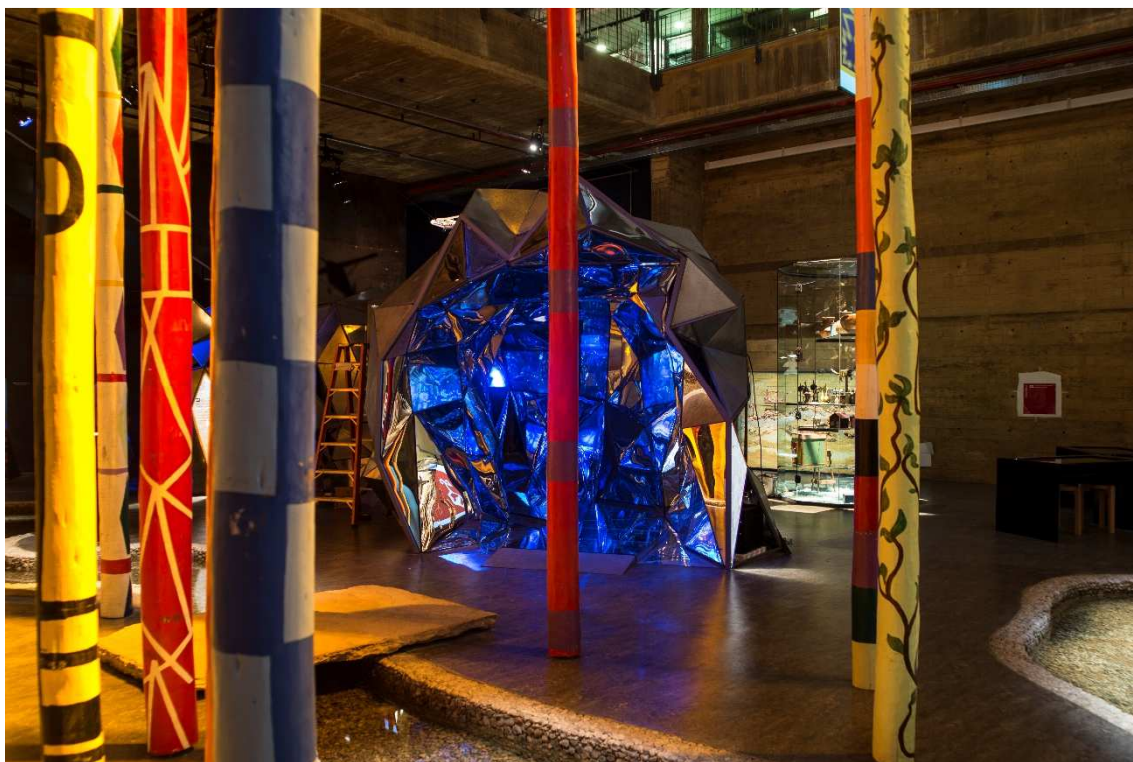


Foto 07 – Fred Jordão – Território Crer

4.7 CRIAR

A cultura material sertaneja em sua multiplicidade apresenta-se aos olhos dos visitantes nos objetos utilitários e decorativos. Vitrines com peças criadas por artesãos do Nordeste, entre os quais Mestre Vitalino, aproxima-nos das diferentes artes de fazer da região. Uma estação interativa com coleções de obras artísticas de diferentes tempos amplia as possibilidades de conhecimento sobre o tema.



Foto 08 – Fred Jordão – Vitrine Criar

4.8 MIGRAR

O território do Migrar trata de um dos temas mais explorados por Gonzaga em sua obra, apresentando a *diáspora* de milhares de famílias sertanejas pelos diferentes lugares do país. Um painel de xilogravuras do artista plástico J. Borges singulariza o espaço e amplia as relações com o tema dos deslocamentos humanos.

Uma instalação multimídia com 48 depoimentos de migrantes sertanejos, anônimos e famosos, denominada Retratos, povoa esse território do museu, que ilustra como o migrante se divide entre a cidade e o sertão, a lembrança e o esquecimento, a memória e a história.



Foto 09 – Fred Jordão – Território Migar

4.9 CANTAR

No coração do museu, encontra-se o DNA do baião, linha do tempo interativa, que conta a história da invenção do gênero. O espaço dialoga com duas salas de projeção, conhecidas como *Túnel das Origens*, onde apresentamos as sonoridades tradicionais que inspiraram a criação do baião, e *Túnel dos Novos baiões*, com depoimentos e apresentações de músicos contemporâneos que beberam na fonte de Luiz Gonzaga e reinventaram o estilo. No Território, o rádio apresenta-se como principal objeto de informação e entretenimento, destacando a produção cultural brasileira com os programas de auditório, radionovelas e os artistas de projeção no cenário nacional.

O espaço mostra a produção gonzaguiana partindo das referências musicais herdadas do seu pai, Mestre Januário, e da sua mãe, Santana, assim como a formação do trio de forró composto por sanfona, zabumba e triângulo.

No piso superior, encontramos outros espaços de vivência: as cabines do Karaokê Sertanejo, de mixagem Baião de Todos e a sala do Imbalança.

4.10 CAIXA DE POESIA

Sala de projeção multimídia, onde são exibidos três curtas-metragens, que foram exclusivamente produzidos para o Museu. São eles:

4.10.1 Lua (Paulo Caldas, 17 min)

É uma tradução visual e sonora do sertão gonzaguiano. Um filme poético-musical. Um intenso diálogo entre o arcaico e o moderno, a tradição e a invenção.



Foto 10 – Maria Rosa Maia – Sala Caixa de Poesia – filme *Lua* – Paulo Caldas

4.10.3 4 KORDEL (Lírio Ferreira, 13 min)

É uma experiência cinestésica inserida no contexto de uma região árida do Nordeste do Brasil, onde a poesia bruta brota a cada instantânea lufada de redemoinhos. Nessa viagem paradoxal, o personagem TEMPO mergulha desprevenido no universo da literatura dos folhetos.

4.10.4 Línguas do sertão (José Miguel Wisnik, Leandro Lima e Gisela Motta, 18:24 min)

O foco de *Línguas do sertão* é a poética sertaneja, escrita e oral. Poemas, repentes, cujas sofisticadas técnicas de criação – como a estrutura das estrofes e dos ritmos – se podem ver à medida que acontecem, além de encontros de embolada e cordel.

5 O PÚBLICO E SUA EXPERIÊNCIA

Embora as preocupações, no que concerne à fruição do que se expõe nos museus, venha ocorrendo há quase cem anos, desde os anos 60 do século XX, as pesquisas de público dos museus – recorrentemente aplicadas na Europa e na América do Norte –, além de se destinarem a traçar um perfil dos visitantes, ainda funcionam como estratégia fundamental para que tais instituições possam construir um planejamento mais coerente com a realidade e as expectativas daqueles que as procuram (Falk; Dierking, 1992).

O Cais nasceu da ideia de ser um museu democrático e, assim, podemos abordar algumas reflexões de Bourdieu (2007), que, a partir de extensas pesquisas empíricas, estudou não só grupos ou classes específicos, mas com o foco no relacionamento entre as diferentes classes. Também viu o papel que a cultura exerce na dinâmica social, ao apontar a percepção de que as relações de força no ambiente social não se relacionam apenas com uma dimensão objetiva, fruto da distribuição desigual das riquezas econômicas, mas também possuem uma dimensão simbólica, operada por meio da escola, das artes e das práticas culturais – e também das visitas aos museus.

A promoção de estruturas de monitoramento do perfil sociocultural dos usuários e do contexto social de sua visita aos museus denota a importante ferramenta em que tal análise se constitui. Isso porque, a partir da percepção do público e do não público dos museus, podem-se desenvolver políticas e projetos relacionados à educação. Nesse sentido, vale anotar que, na atualidade, “[...] os museus compartilham financiamento público e privado com outras instituições e encontram-se inseridos em duas lógicas diferentes e nem sempre complementares: uma lógica de mercado, da indústria cultural, e uma lógica de legitimidade social. Neste contexto a pesquisa de público torna-se uma peça estratégica para a negociação de fundos, para a conquista de credibilidade junto à sociedade e para favorecer uma auto-avaliação institucional considerando os diferentes públicos como parâmetro de qualidade” (Köptcke, 2003, p. 5).

Essa pesquisa com o público visitante do Cais do Sertão teve como objetivo analisar através de entrevistas aplicadas se a ideia que elas tinham do sertão nordestino, após a visita, se modificava. Na concepção do museu, os conteúdos expostos deveriam estar presentes de diferentes formas e é isso que percebemos quando visitamos o Cais.

Os temas são expostos em agrupamentos e a ideia de exportar a região nordeste e a cultura nordestina para o Brasil e o mundo estão presentes ali em todos os espaços. O público

tem uma experiência interativa com o conteúdo, ora através da tecnologia, manipulando os totens multimídia, ora tocando os instrumentos, como acontece na sala de música.

O Museu tem como proposta um tipo de visita diferente, pois o espaço, onde está a exposição de longa duração, possui uma forma não habitual de percurso.

Nas entrevistas realizadas, foi percebido que alguns visitantes constatavam que se sentiam meio perdidos quando entravam no espaço museal, pois não existe uma indicação visual do percurso. Assim, percebemos que essa é uma proposta da curadoria para a expografia.

A ideia do museu é de fazer com que o visitante faça o seu próprio percurso, escolhendo por onde passar, sem o auxílio de sinalização.

No início das visitas, os educadores fazem uma sugestão, principalmente ao visitante espontâneo, orientando um percurso, que cabe a ele seguir ou não.

Já para as escolas agendadas, com as quais os educadores fazem uma mediação de aproximadamente uma hora, abordando as temáticas do conteúdo e percorrendo os sete territórios, avaliamos que, se o visitante possui mais tempo para a visita, mais informações e questionamentos ele terá da exposição.

Um casal de entrevistados passou quase três horas visitando o Cais e, na saída, eles perguntaram na recepção a que horas o Museu abriria no dia seguinte, para eles voltarem.

Quando isso acontece, constatamos que estamos atingindo um dos principais objetivos do museu, que é fazer com que as pessoas, ao sair da visita, já desejem voltar. Isso também ocorreu com um adolescente de uma escola da Rede Pública do Estado (o garoto aparentava ter uns 16 anos); quando foi entrevistado, comentou que tinha gostado tanto da exposição que gostaria de ir morar lá.

A curadoria da exposição teve também uma preocupação em explicar o conteúdo que se encontra no multimídia, como observamos em alguns territórios.

Por exemplo, no território *Trabalhar*, onde estão localizados três totens que explicam os instrumentos de trabalho do homem do Nordeste, o visitante nesse mesmo local só precisa olhar ao seu redor, que irá encontrar o que está na tela do computador.

O público percebe que a exposição vai além da interatividade; e queremos que essa percepção resulte na seguinte reflexão: quais as mudanças que os conteúdos podem trazer para o público, após uma visita ao Cais do Sertão.

Para o físico Wagensberg, "Um museu é hoje um valiosíssimo instrumento de troca social que se mede por como ele muda a vida das pessoas, um visitante tem que sair do Museu com "fome", ou seja, com mais perguntas do que se tinha ao entrar".

Quanto ao método da pesquisa, escolhi realizar entrevistas, que foram estruturadas com recurso de gravação de áudio e registro em diário de campo. A aplicação dessa técnica teve como finalidade recolher representações sobre o sertão nordestino e as sensações após à visita ao Museu. Selecionei pessoas de duas faixas etárias específicas, jovens entre 16 e 20 anos e pessoas da terceira idade, acima dos 50 anos.

As perguntas para as entrevistas foram aplicadas a um grupo de apenas 15 pessoas, devido ao pouco tempo disponível para a captação dos dados para a análise.

Essas entrevistas realizadas serão tomadas como um piloto para uma elaboração mais detalhada de questões, a serem aplicadas posteriormente em uma maior amplitude. O período em que as entrevistas foram aplicadas com o público visitante aconteceu entre os dias 10 e 15 de outubro de 2016.

A questão a ser analisada foi se, através das experiências pessoais de cada um, após a visita, houve alguma alteração na sua visão sobre o sertão nordestino. As perguntas realizadas nas entrevistas foram quatro:

- a) Quando você pensa em sertão nordestino, o que vem a sua mente?
- b) Você conhece o sertão nordestino?
- c) Existe uma única versão para a ideia de sertão nordestino?
- d) Que tipo de discurso é possível tecer quando visitamos o Cais do Sertão?

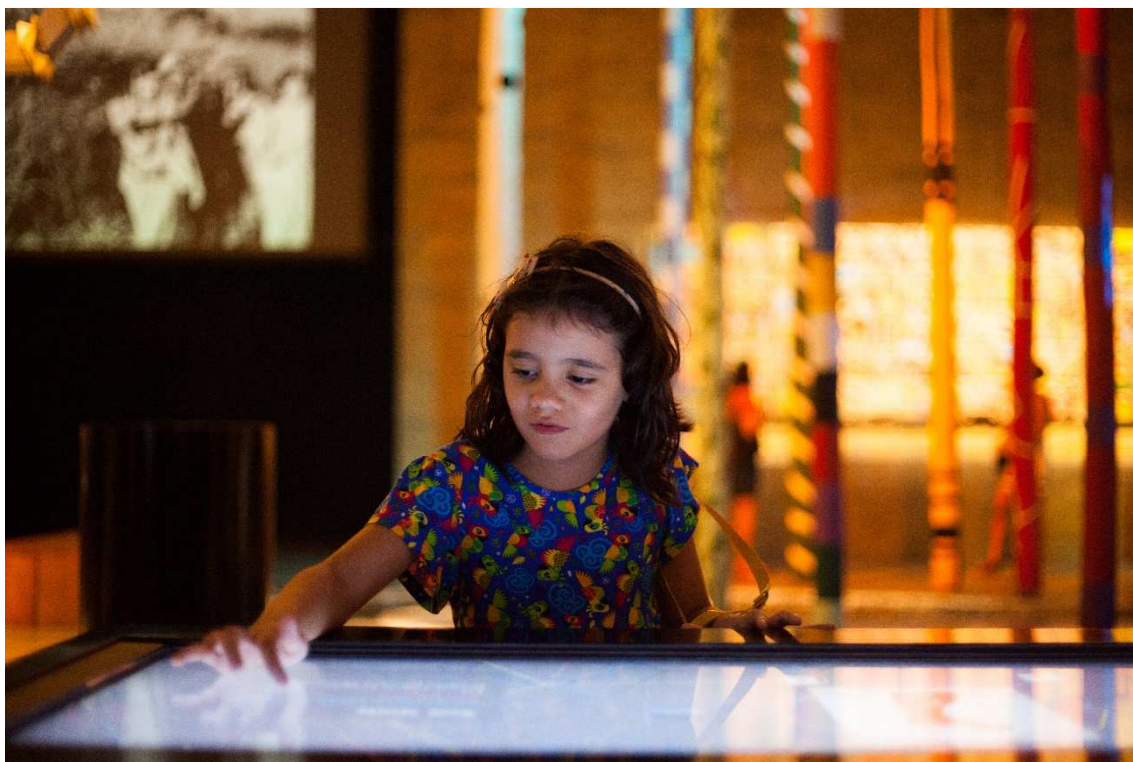


Foto 11 – Helder Tavares – Instalação Pétalas

Para os entrevistados que não conhecem o sertão e são jovens, observamos que eles remetem a imagem daquele lugar a um espaço da seca, da miséria, do homem sofrido. Alguns percebem que o sertão sertanejo não é só aquele estereotipado, muitas vezes pela mídia.

Para os entrevistados também jovens e que conhecem o sertão, percebe-se que, para eles, a forma em que o conteúdo é apresentado, através da tecnologia e interação dos espaços, esse recurso diferente de narrar os temas relacionados com o sertão, faz com que eles consigam construir a sua própria leitura do sertão.

Muitos entrevistados, também jovens e de escolas públicas localizadas na capital, comentam que no sertão também existe arte, música, dança, alegria, amor, festa, além da imagem de sofrimento e dor. Para muitos, foi uma grande surpresa a visita, pois não imaginavam encontrar uma diversidade tão grande de temas ligados ao sertão nordestino, como encontraram no museu.

Bourdieu (2007), descobriu que existe uma ligação entre as práticas e gostos culturais e o nível de instrução e a origem dos indivíduos, e buscou ir além da aparente banalidade desta constatação. Assim, buscou ver em que medida tal relação esconde o fato de que os grupos possuem diferentes relações com a cultura, e que no quadro dessa dinâmica se desenharia um processo pelo qual a existência em sociedade de cada um se daria por meio de processos de distinção, de marcação de distâncias, ou seja, as posições sociais e as práticas culturais não são

dois fatores independentes, antes se relacionam, se constituem mutuamente, conformando uma estrutura mais ampla de relações sociais.

Dona Zuleide Barbosa, 64 anos e dona de casa, visitou o Museu com o seu esposo, pela quarta vez. Para ela, “O Museu é bacana, tem muita coisa importante aqui dentro sobre Gonzaga, tem as sanfonas, as roupas, a gente se lembra do sertão e sente saudade, principalmente para mim que fui criada dentro do mato”.

Já para Dona Marluce Cabral, 57 anos, deficiente visual, de Aliança, Zona da Mata de Pernambuco, é a terceira vez que ela visita o Cais do Sertão e conta que, a cada visita, *vê* e aprende mais sobre o sertão Nordestino. “O sertão é belíssimo, a seca não depende do homem e eu, como sou professora de história aposentada, ter um lugar como este aqui no Recife é realmente ter muita sorte”, ela conta também que, em uma das suas visitas, o bombeiro que trabalha no Museu a conduziu pela exposição e perguntou se ela queria sentir a água do rio “São Francisco” que tem dentro do espaço museal. Ela comentou que adorou a experiência.

“É impossível não criar expectativa ao se deparar com a construção gigantesca que é o museu. À primeira vista, não dá para imaginar tudo que cabe ali dentro, mas, ao final da visita, a certeza é de cabe um sertão inteiro e cheio de poesia. A poesia que sobrevive dentro de cada uma das pessoas que o alimentam e que se alimentam dele”. Dona Eliete, 55 anos, de Petrolina.

Dona Antonia Tonica, professora da Escola São Vicente de Paula, Exu-PE, disse: “Senti a emoção de ser presenteadada com essa oportunidade tão importante de conhecer essa homenagem que o Governo de Pernambuco fez, trazendo um pouco da cultura do sertão até a capital, com tanta beleza extraordinária”.

Nota-se na pesquisa que a maior parte dos entrevistados que são nordestinos e da terceira idade, após à visita, sente-se orgulhosa e alegre por fazer parte dessa história, pois se sente protagonista.

As pessoas da terceira idade e que não são nordestinos falam que, após à visita, a exposição só faz reafirmar mais a ideia de que o sertão é um lugar onde homens e mulheres sobrevivem a uma das ecologias mais adversas do planeta.

O que podemos concluir até o momento com a pesquisa é que para alguns entrevistados, principalmente os jovens, a tecnologia utilizada na expografia é um facilitador para pensar o sertão de uma outra maneira. A forma na qual os conteúdos estão expostos, como no filme *Um dia no Sertão*, de Marcelo Gomes, onde aparecem alguns adolescentes andando de skate, de alguma forma contribui para uma mudança do olhar para esse espaço que conhecemos como sertão. E ainda a cena em que uma motocicleta faz o aboio do gado.

Nesse sentido, considerando a realidade estudada como dinâmica, vimos os sujeitos da investigação como atores e reconstrutores da realidade e o investigador como explorador, no próprio ato de investigar.

O que posso concluir até o momento da pesquisa é que existem algumas alterações significativas sobre o conceito que as pessoas têm do sertão, depois da visita ao Cais do Sertão, com destaque para o reconhecimento dos fatores que causam felicidade, a presença da tecnologia e o orgulho de pertencimento à história da região.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os resultados da pesquisa, visualizamos o Museu Cais do Sertão como um espaço importante para a construção da memória da cultura sertaneja. E como fonte de informações para a sociedade em âmbitos educacionais e culturais.

O Cais do Sertão vem desempenhando um papel de grande importância, pois tem como objetivo promover o desenvolvimento humano, a inclusão social, o respeito à diversidade e o estímulo à cidadania participativa, principalmente aos portadores de deficiência.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas e com apenas dois anos e meio de funcionamento, a sua gestão tem sido um grande desafio, pois, como todas as Instituições Culturais do Estado de Pernambuco, o espaço também vem passando por problemas de ordem financeira.

O Cais do Sertão foi concebido e pensado por especialistas e profissionais com larga experiência, e foi investido um significativo aporte financeiro, que também poderia ter sido utilizado para a restauração de teatros, cinemas, bibliotecas e museus com sérias dificuldades do Estado de Pernambuco.

Será que criar novos equipamentos culturais é a solução para políticas públicas de cultura? Será que não é mais racional investir nos que já existem?

Essas perguntas são pertinentes quando percebemos que espaços como esse são importantes de existir, mas que também o Estado de Pernambuco precisa investir mais naqueles equipamentos que já existem.

A pesquisa tem a intenção de mostrar que, a partir dessas análises, outras instituições culturais também poderão observar e analisar os seus próprios espaços museais, observando a percepção dos visitantes com os seus conteúdos expostos.

O desafio de usar essa metodologia de aprendizagem no museu é conseguir tocar a sensibilidade das pessoas para provocar novas percepções. Para tanto, as exposições devem ser capazes de estimular o interesse e a curiosidade do visitante.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Fragmentos do discurso cultural: por uma análise crítica das categorias e conceitos que embasam o discurso sobre a cultura no Brasil. In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (Org.). *Teoria e políticas da cultura: visões multidisciplinares*. Salvador: EDUFBA, 2007.
- _____, Durval Muniz de. *Sertão: um museu a céu aberto*. Texto palestra apresentado no Museu Cais do Sertão. Recife, 2014.
- _____. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.
- AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 8, n. 15, 1995.
- AZEVEDO, Brunno. Texto Formação para professores: a educação na construção da identidade sertaneja. Recife, 2016 .
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica; arte e política; ensaios de literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- _____; DARBEL, Alain. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. Porto Alegre/RS: Zouk, 2007.
- CURY, Maria Zilda Ferreira; AVILA, Myriam; RAVETTI, Graciela. *Topografias da cultura: representação, espaço e memória*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- DUARTE, Adelaide Manuela da Costa. *O Museu Nacional da Ciência e da Técnica: 1971-1976*. Coimbra: Ed. da Universidade de Coimbra, 2007.
- GEORGE, Henri Riviere. *La Museologia*. Akal, 1993.
- GRINSPUM, Isa. *Isa Grinspum: depoimento*. Entrevistadora: Maria Rosa Maia. Recife: Cais do Sertão, 2016. Entrevista concedida para o desenvolvimento deste estudo.
- ICOM – International Council of Museums. Museum definition – 1974. In: Development of the museum definition according to ICOM Statutes (1946 – 2001). Disponível em: <http://icom.museum/hist_def_eng.html>. Acesso em: 15 maio de 2016.
- IBRAM. *Política Nacional de Museus: Relatório de Gestão 2003-2010*. Ministério da Cultura, Instituto Brasileiro de Museus. Brasília: MinC/Ibram, 2010.
- FALK, J.; DIERKING, L. *The museum experience*. Washington: Whalesback Books, 1992.
- HALL, Stuart. *Identidade Cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

KÖPTCKE, L. S. Estudos de público, contar para conhecer? Uma proposta para produzir dados quantitativos que ajudem a avaliar o uso social dos museus. In: VIII Reunión da Red Pop, León, México, Anais... León, México, 2003, p. 1-10.

LEWIS, Geoffrey. O papel dos museus e o código de ética profissional. In: BOYLAN, Patrick J. *Como gerir um museu: manual prático*. Paris: ICOM, 2004.

NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire: Les France*. Paris: Ed.Gallimard, 1992.

PLANO MUSEOLÓGICO DO CAIS DO SERTÃO 1 VERSÃO FINAL. Recife, 2014. Documento interno do Cais do Sertão.

POULOT, Dominique. *Musée et muséologie*. Paris: La Découverte, 2002. Coimbra: Ed. da Universidade de Coimbra, 2007.

RISÉRIO, Antônio (Org.). *Texto-Base: Provocações para um fazer*. Recife: Cais do Sertão, 2012. Documento interno do Cais do Sertão.